

reflexões sobre
ARTE visual

v.3 n.21 novembro de 2022



Mito e Arte Visual.

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualeinsino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.3, No.21, novembro, 202e – Mito e Arte Visual.

Campo Grande - MS

Periodicidade: quinzenal

Capa:

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

A ideia de Mito pode ser usada para qualificar alguém, mas é bom esclarecer que isto é “fake”. O conceito de Mito se refere a entidades que não têm existência real, são figuras sobrenaturais, ou seja, não fazem parte da natureza. Normalmente são figuras criadas na cultura para explicar eventos incompreensíveis ou desconhecidos, não dominados pelo conhecimento vigente. Mito se origina no grego clássico *Mithós* cuja origem está nas narrativas de caráter imaginário, mágicos e simbólicos que, na maioria das vezes, não tem qualquer relação direta com a realidade, são sobrenaturais.

Normalmente as Mitologias resultam de crenças que narram acontecimentos por meio de simbologias fantásticas, construídas em busca de uma hegemonia que falseia a realidade e ilude o senso comum. A história como foi construída é rica em Mitos e Mitologias fundantes já que os sistemas de observação e análise de fatos, condutas e comportamentos não haviam ainda sido sistematizados pelos primeiros povos e civilizações, logo os mitos eram os únicos meios para explicar, justificar suas origens, eventos naturais ou sociais e promover a integração ou domínio coletivo.

Os Mitos surgiram, em geral, para tentar explicar as origens dos povos, pois, sem domínios técnicos e conceituais para entender suas origens, as primeiras comunidades humanas as atribuíam a forças sobrenaturais. Estas forças eram normalmente representadas por figuras dentro de narrativas mágicas, fantásticas e que realizavam feitos extra ou supra humanos, impossíveis de serem reproduzidos no mundo natural, assim se tornavam encantadores e catalizadores de crenças e valores. A visão mágica e sobre humana foi um dos modos de organizar a sociedade.

Uma das Mitologias mais conhecidas é a grega, pois, ao longo do tempo, foi bastante difundida por eles, pelos romanos e na cultura da civilização ocidental. A replicação de ideias, conceitos e valores oriundos dessa Mitologia manteve sua atualidade até hoje em dia. Como exemplo, basta lembrar que Sigmund Freud, o instaurador da psicanálise, se apropriou de termos mitológicos para nomear e dar sentido às suas constatações clínicas: complexo de Édipo, de Electra e de Narciso, entre outros, são prova disso.

Voltando ao começo, a Mitologia Grega tem sua base em duas grandes narrativas épicas configuradas nos poemas escritos por Homero (928 a.C.- 898 a.C.): *Ilíada* e *Odisseia*.

A *Ilíada* narra a Guerra de Tróia e a *Odisseia* relata a volta do herói Ulisses à Ítaca, depois da Guerra de Tróia. Ambas tem caráter fantástico e relatam as coisas segundo noções sobrenaturais e intervenção de deuses que ora auxiliam, ora interferem e prejudicam os humanos. A Mitologia Grega é adotada pelos Romanos que a adapta às suas crenças.

As obras de Homero são consideradas as primeiras manifestações da literatura ocidental e sua difusão permanente ajudaram a consolidar a cultura do ocidente.

Várias outras culturas produziram mitologias, contudo, a grega é a mais difundida e conhecida.

Muitas mitologias fundaram religiões e crenças que orientam e agrupam pessoas e nações. A capacidade de aglutinação mitológica é um recurso recorrente para indicar pertencimento a um grupo ou cultura.

A Antiguidade é o berço das Mitologias. Não há civilização daquele período que não explicasse sua existência a partir de uma fundação mitológica, conhecida com Cosmogonia. O conhecimento sobre a sociedade não era organizado ou registrado, assim as narrativas fundadoras eram passadas por relatos orais, formando um repertório de eventos e acontecimentos que incluíam feitos fantásticos e assombrosos, na maioria das vezes sobrenaturais, pois sem condições de explicar os fenômenos naturais, recorriam a fantasia e ao fantástico, na falta da Ciência, vale a invenção de um mundo encantado...

Neste caso vale a pena revisar alguns Mitos que instauraram as primeiras civilizações no passado para entendermos este processo e suas transformações. Seguindo o percurso da História da Arte, os estudos da antiguidade costumam se iniciar pelas civilizações do Oriente Médio, entre os rios Tigre e Eufrates, pelo Mar Egeu, pela África Egípcia, Grécia e Roma, vindo para nosso contexto. Estas civilizações nos dão uma visão razoável de mitologias fundantes, já que a maioria delas apresentam aspectos semelhantes, independente da nação na qual se transformaram. Em sequência, a compilação de alguns mitos:

Mitologia Suméria. Os Sumérios acreditavam que o universo surgiu quando Nammu, um abismo sem forma, enrolou-se em si mesmo e por meio de auto-criação gerou An, deus do céu, Antu (Ki), deusa da Terra e Zuri, deus do equilíbrio entre as dimensões. A união de An e Ki produziu Enlil, senhor dos ventos, que tornou-se líder dos deuses. Enlil foi banido de Dilmun (a morada dos deuses) por violentar a deusa Ninlil, que teve um filho: Nana, deus da lua, nomeado depois de Sin ou Sinnu. Zuri revoltado com o acontecimento, criou uma dimensão abaixo da terra, uma dimensão neutra. Da união posterior entre Sin e Nigal, nasceram Inana (deusa do amor e da guerra) e Utu (deus do sol, depois chamado de Samas). Também durante o banimento de Enlil, o deus tornou-se pai de três divindades do submundo junto a Zuri e Ninlil. O mais famoso foi Nergal.

Mitologia Babilônica. Marduque, Marduk ou Merodaque é o deus protetor da cidade da Babilônia. Era filho de uma relação incestuosa entre Enki e Ninhursag. Se tornou pai de Dumuzi e sua esposa era Sarpanitu. Possuía quatro olhos e ouvidos (via e ouvia tudo), de sua língua saíam chamas. Marduk, declarado Deus Supremo da Babilônia e dos Quatro Cantos da Terra, após vencer disputa entre os deuses pelo controle da Terra por não concordar com o fato da família de seu tio Enlil e seus primos Nannar-Sin e Ninurta não aceitarem que seu pai Enki fosse o maior dos deuses. Na realidade o mito explica a instauração da supremacia Babilônica com o reinado de Hamurabi, sobre os demais povos daquela região definindo Marduque como deus supremo.

Mitologia Persa. Ormuz é o mestre e criador do mundo. Soberano, onisciente, deus da ordem. O Sol é seu olho, o céu suas vestes bordadas de estrelas. Atar, o relâmpago, é seu cílio. Apô, as águas, são suas esposas. Ahura Mazda é o criador de outras sete divindades supremas, os Amesha Spenta, que reinam, cada um, sobre uma parte da criação, desdobramentos de Ahura Mazda. Assim como Ahura Mazda estava cercado por seis Amesha Spenta e de outras divindades. Angra Mainyu (Ahriman) é o deus malfazejo que invade a criação para perturbar a ordem, concebido como uma serpente, é acompanhado de seis demônios das trevas cósmicas e de outras divindades malignas.

Mitologia Egípcia. No princípio emergiu das águas uma ilha, e nela havia um ovo, do qual saiu Rá, iluminando todas as coisas. Todos os outros deuses seriam filhos de Rá (Nut, Chu e Geb). A deusa Nut se casou com Geb em segredo. Depois de algum tempo, Rá descobriu o que tinha acontecido, e ficou furioso com Nut. Como castigo tornou Nut estéril. Com isso Nut usou sua criatividade desafiando Thot em um jogo de dados, que venceu e ganhou mais cinco dias no calendário de 360 dias. Estes dias não eram vigiados por Rá, neles teve seus filhos: Osiris, Ísis, Set e Néftis, os demais deuses do Egito.

Mitologia Grega. Tudo se inicia com o Caos: o vazio primitivo e escuro que precede toda a existência. Dele, surge Gaia (a Terra), e outros seres divinos primordiais: Eros (atração amorosa), Tártaro a (escuridão primeva) e Érebo. Sem intermédio masculino, Gaia deu à luz Urano, que então a fertilizou. Dessa união entre Gaia e Urano, nasceram primeiramente os titãs: seis homens e seis mulheres: Oceano, Céos, Crio, Hiperião, Jápeto, Teia e Reia, Têmis, Mnemosine, Febe, Tétiss e Cronos; e logo os ciclopes de um só olho e os hecatônquiros ou centimanos. Contudo, Urano, embora tenha gerado estas divindades poderosas, não as permitiu de sair do interior de Gaia e elas permaneceram obedientes ao pai. Somente Cronos, "o mais jovem, de pensamentos tortuosos e o mais terrível dos filhos", castrou o seu pai com uma foice produzida das entranhas da mãe Gaia – e lançou seus genitais no mar, libertando, assim, todos os irmãos presos no interior da mãe. Urano não procriou novamente, mas o esperma de seus genitais produziu a deusa Afrodite, saída da espuma da água, ao mesmo tempo que o sangue de sua ferida gerou as ninfas melíades, as erínias e os gigantes, quando atingiu a terra. Sem a interferência do pai, Cronos tornou-se o rei dos titãs com sua irmã e esposa Reia como cônjuge e os outros titãs como sua corte.

Mitologia Judaica. No princípio deus criou os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro. E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas. E fez Deus a expansão, e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão; e assim foi. E chamou Deus à expansão Céus, e foi a tarde e a manhã, o dia segundo. Assim continua o processo conhecido por Genesis, na bíblia cristã...

Mitologias Tupi-Guarani. A maioria das lendas guaranis da criação é lamandu ou Nhamandú (Ñamandu), também conhecido como Nhandervuçu, realizador de toda a criação. Em outras versões, essa figura é Tupã, o senhor do trovão. Outras versões apontam Ñane Ramõi Jusu Papa, ou "Nosso Grande Avô Eterno", que teria se constituído a si próprio a partir de Jasuka, uma substância originária. Com a ajuda da deusa da Lua Jaci ou Araci, Tupã desceu à Terra num lugar descrito como um monte na região do Areguá, no Paraguai, e, deste local, criou tudo sobre a face da Terra, incluindo o oceano, florestas e animais. Também as estrelas foram colocadas no céu nesse momento. Tupã, então, criou a humanidade em uma cerimônia formando estátuas de argila do homem e da mulher com uma mistura de vários elementos da natureza. Depois de soprar vida nas formas humanas, deixou-os com os espíritos do bem e do mal e partiu.

Mitologia Iorubá. Olodumaré enviou Oxalá para que criasse o mundo dando a ele um saco de areia, uma galinha com 5 (cinco) dedos e um camaleão. A areia deveria ser jogada no oceano e a galinha colocada sobre ela para ciscar e fazer surgir a terra, o camaleão deveria confirmar se a terra era firme. Oxalá deveria fazer uma oferenda à Exu antes de sair para cumprir sua missão, mas não a fez e Exu resolveu vingar-se dele fazendo-o sentir muita sede. Para matar a sede Oxalá furou com o opasoro (o tronco de uma palmeira) e dela saiu o vinho de Palma, ele o tomou se embriagou e dormiu. Olodumaré, percebendo que Oxalá não havia cumprido sua missão mandou Oduduwa para verificar e descobriu que Oxalá estava bêbado. Mesmo assim, Ihe deu outra tarefa: criar a humanidade, mas ele se embriagou de novo e criou pessoas imperfeitas. Oduduwa volta de novo e corrige os erros de Oxalá criando uma humanidade forte que teve a vida dada por Olodumaré. Isto provocou um conflito entre Oxalá e Oduduwa que venceu o embate e se tornou Oba Oni Ifé, o primeiro rei de Ifé.

Obviamente tais Mitologias serviram de base para a construção tanto da história quanto das religiões. Sem dúvida definem as origens simbólicas dos deuses, do mundo, dos seres vivos que ocupam o mundo e o cosmo. Sem Mitologias não somos humanos pois nossas relações com as coisas não são apenas racionais, mas emocionais e afetivas, logo, retirar o fantástico da vida humana é como retirar sua esperança, suas crenças e valores, uma espécie de “cola” que une e identifica os seres humanos como espécie. A espiritualidade humana é uma de suas características, o problema é que quando exacerbada e cega a compreensão de humanidade.

Por outro lado, como já coloquei antes, os Mitos e Mitologias, além de servirem para unificar, também servem para ordenar e impor o poder de alguns sobre outros. Esse é o lado ruim dos Mitos quando são usados para exercer poder e reprimir as pessoas.

O que também revela a índole humana que convive com a dualidade entre o bem e o mal. Os mitos retratam valores, vícios, venturas e pecados. A eterna dicotomia entre o bem e o mal aparecem todo momento na história, nos mitos e no dia a dia.

Esse eterno confronto mantém a vigília e a esperança de alcançar, finalmente, o equilíbrio.

As Mitologias entraram na Arte Visual, como um dos modos por meio do qual foi possível “dar vida” às crenças, valores e narrativas. Através da visualidade foi possível transladar os mitos do imaginário coletivo para as imagens e deste modo facilitar sua apreensão, conhecimento e difusão. O que era apenas imaginado se tornou visível e para alguns “real”. Com isto surgiram os Idólatras, adoradores de ídolos, em geral figuras que representavam entidades míticas e os Iconoclastas, os que as condenavam. Representar deuses, heróis, monstros, contendas foi uma das missões assumidas pela Arte Visual.

Tais representações decorriam da crença ou da instrumentalização de tais mitos para impor ou consolidar o poder. Boa parte dos líderes, conquistadores, guerreiros tomavam para si a posse de crenças se apropriando dos mitos ou criando-os justificar, garantir e consolidar seu poder. Se para o ser humano comum a crença é um alívio para a alma ou paz de espírito, mas para os seres humanos “incomuns”, ou seja, aqueles cuja ambição é o domínio sobre o outro. o poder político, econômico ou social, não há limites para se apropriar de valores e crenças de seus pares e submetê-los para usar esse poder em benefício próprio, políticos ou religiosos.

As imagens de representações mitológicas ocorrem de vários modos e em vários lugares e suportes. Esculturas, entalhes, modelagem, desenhos, incisões, pinturas e com o usos de diferentes materiais desde os mais simples como carvão, resinas, madeira, pedra, bronze e outros e o mais glorioso de todos o Ouro. Normalmente a vinculação do Mito com a Veneração é um dos fatores mais recorrentes. O “dono” do poder cria o culto à personalidade e faz erigir em seu nome ou de seu “deus”, templos, estatuas, ornamentos e requer para agradá-lo riquezas, territórios, devoção e obediência sem limites.

Obviamente, como seu deus, por ser uma entidade sobre humana, não pode usar ou administrar os bens ou o poder com os quais é contemplado, neste caso, os líderes assumem esta “responsabilidade” em nome deles para exercer, conservar e ampliar este poder. Pode-se dizer que processos “mitologizantes” sempre foram usados em benefício de alguns e malefício de outros. Por outro lado, os que creem não têm culpa, são mantidos na ignorância e são sempre as vítimas preferenciais deste processo: devem, temem e são espoliados. Ter crença e fé não é errado, errados são os exploram por isto.

Na Antiguidade, grande parte da produção artística residia justamente nos Templos.

A maior parte das civilizações antigas construíram templos em homenagem aos seus deuses.

Há, contudo, algumas edificações pré-históricas que podem ser consideradas como templos, assim os cultos às divindades antecedem à antiguidade.

É o caso do Göbekli Tepe (Monte com Barriga) encontrado na região da atual Turquia, datado de dois milênios a.C. um local de culto que reunia grande número de pessoas, considerando sua dimensão espacial e estrutura física.





O mesmo pode ser dito de Stonehenge, na Inglaterra, uma grande edificação circular de pedras, com idade de 1500 a.C., indicando também seu uso para cultos.



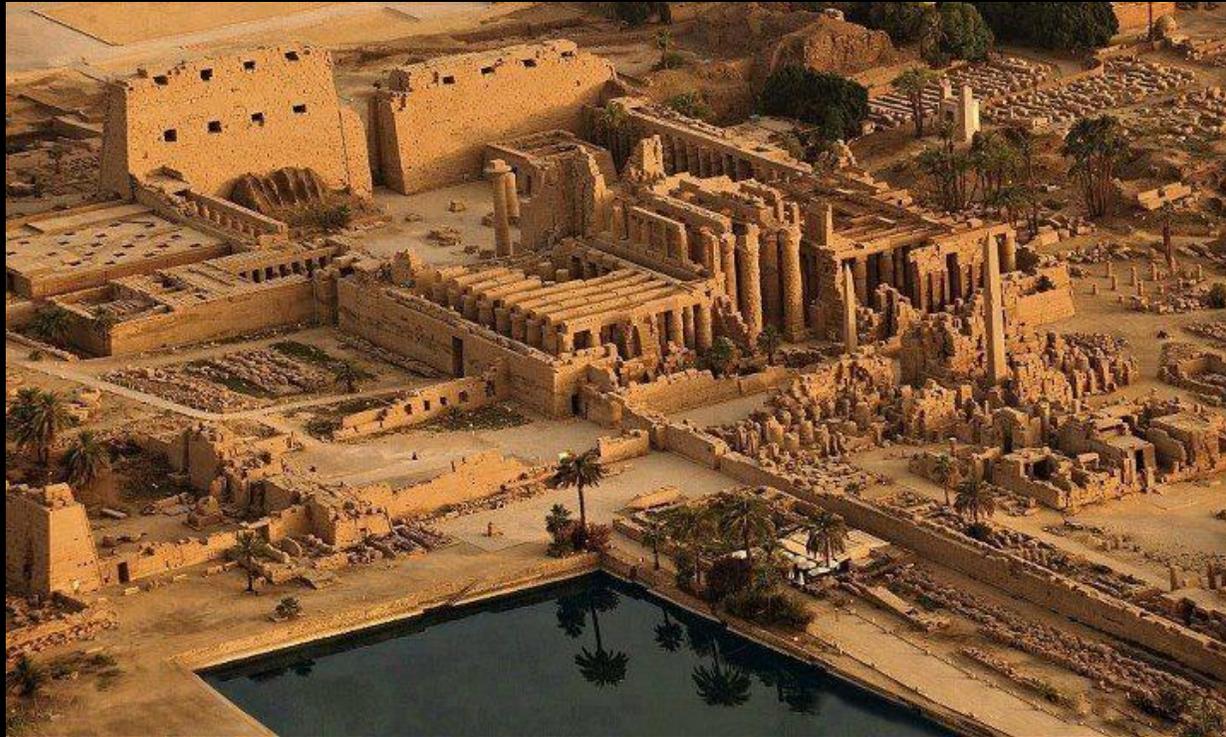
Na Ilha de Malta, no mar Mediterrâneo, entre a Europa e a África, se encontra *O templo central de Tarxien*, um dos templos mais antigos. Um monumento megalítico com aproximadamente 5.000 anos.

A civilização antiga que mais construiu templos para adoração de seus deuses foi a Egípcia. O desenvolvimento do Antigo Egito ocorreu desde o quarto milênio a.C. até 30 a.C. quando foi tomado pelo Império Romano. É dividido em: Antigo, Médio e Novo Império. Nesse período vários templos foram construídos na margem direita do Nilo (dos vivos), pois os túmulos (pirâmides) eram construídos na margem esquerda (dos mortos). Essa devoção estava diretamente vinculada ao poder, cada uma das dinastias elegia um deus para reverenciar e unificar o território, como foi uma civilização que durou quase quatro mil anos, teve tempo para homenagear muitos deuses.

Os faraós Hatshepsut e Tutmosis III construíram um pequeno templo dedicado a Amon erigiram o Templo de Medinet Habu. Depois Ramessés III, fez construir seu templo mortuário e cercou o complexo.



Para abreviar o percurso pelos templos Egípcios, vamos ao maior deles, o complexo de Karnak, o maior do mundo. É composto por três templos construídos no Novo Império, finalizados entre 1570-1100 aC. Um conjunto arquitetônico grandioso e ricamente ornamentado por esculturas, entalhes homenageando os deuses e governantes.





Na Grécia, na Acrópole de Atenas, encontram-se vários templos, um deles é construído em homenagem a deusa Atena, protetora da cidade. Há ainda o de Erecteion, cujas colunas são as Cariátides. O de Ártemis, de Atena Nice, de Eleusinion, Artemisa Brauronia, Zeus, Pandion. Os deuses homenageados nessas edificações também foram homenageados em outras em toda a Grécia.

Roma, capital do Império Romano era um mostruário de Glória e Conquistas, logo, um lugar de muitos templos religiosos ou políticos. Ora eram deuses homenageados, ora imperadores. Enfim, alguns se tornaram ruínas, outros sobreviveram, no entanto, as datas ou períodos não são tão claros para estabelecer uma cronologia, mas é possível observar a grandeza e o poder que representam como uma marca de um dos Impérios mais poderosos da Antiguidade, um grande produtor (ou apropriador) de Mitos... Núcleo da Cultura Ocidental, cujas influências são sentidas até hoje em dia.



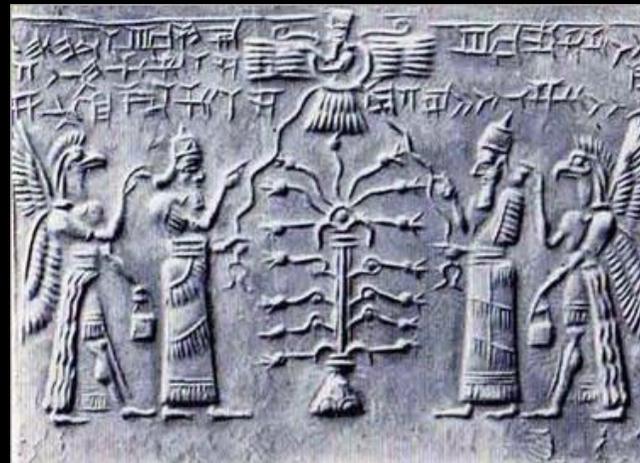
Um dos Templos Romanos mais antigos é o que foi erigido em homenagem ao deus Marte Vingador. Marte é o nome que os romanos deram a Ares, deus da guerra na mitologia grega, da qual se apropriaram. Construído para comemorar a vitória de Augusto em 42 aC, na Batalha de Filipos, sobre os assassinos de Júlio César.

O mais famoso dos templos romanos é o Panteão, localizado na Piazza della Rotonda em Roma, mandado construir por Marco Vipsânio Agripa durante o reinado do imperador Augusto (27 a.C.–14 d.C.) e reconstruído pelo imperador Adriano (117–138 d.C.) por volta de 126 d.C.

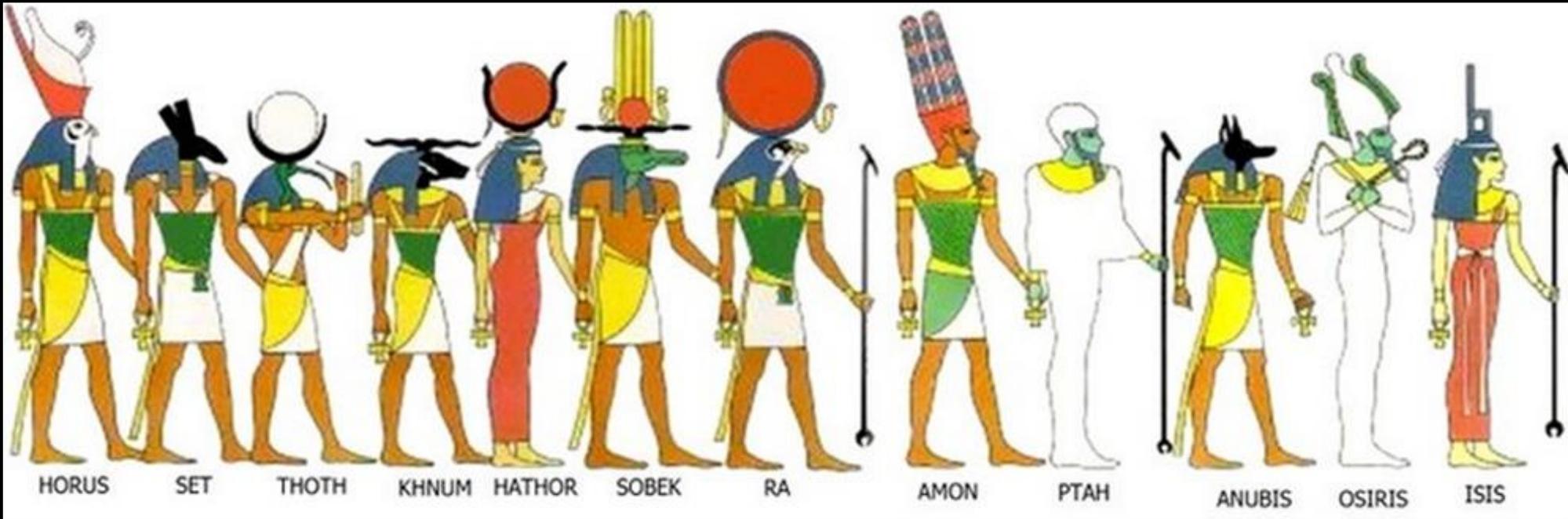
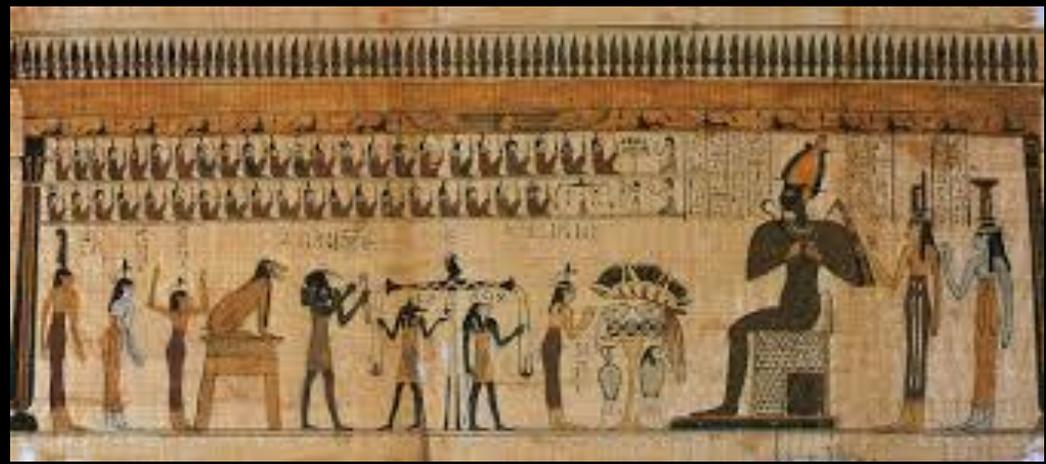
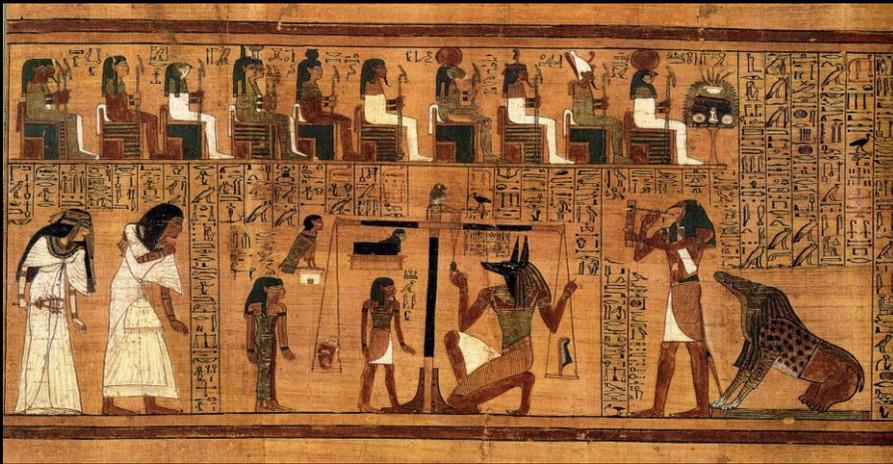
Pantheon, do grego, significa “Templo de Todos os Deuses”, era o lugar construído para homenageá-los. Atualmente cumpre outras funções como abrigar mausoléus de várias personalidades históricas e ainda usado como igreja para eventos especiais.



As personalidades ou figuras míticas que povoaram a história são variadas. Ora são entidades antropomórficas, zoomórficas, zooantropomórficas ou as misturas mais estranhas possíveis. Como um deus que é algo ou alguém sobrenatural, não precisa se parecer ou se comportar como os seres humanos comuns. São seres mágicos que realizam ações e atos fantásticos como voar, aparecer e desaparecer, estar em um e em todos os lugares, inclusive, viver e interferir na vida dos reles mortais...



Imagens de deuses sumerianos confirmam alguns dotes mágicos, como serem alados, figuras muito comuns da Arte na Mesopotâmia.



O Egito foi pródigo na criação de deuses. Há uma infinidade deles, como mostra essa ilustração da Wikimedia Commons. Pode-se observar as ligações entre figuras humanas e animais, o zoantropomorfismo que citei. Lá o próprio Faraó era deus...



A Grécia também tinha deuses para todas as coisas, com virtudes e defeitos, como os seres humanos. A Obra de Raphael Sanzio, artista do Renascimento Italiano, representa uma reunião deles no Olimpo, lugar em que viviam. Sua influência na cultura ocidental é marcante.

Havia uma hierarquia dos deuses do Olimpo, os deuses do Olimpo e os deuses supremos do mundo inferior, representavam uma aristocracia, o maior deles era Zeus, o rei, pai dos deuses do Olimpo e dos homens. Os deuses, ao nascerem já possuíam prerrogativas e autoridade, compondo um círculo de divindades superiores, em número de catorze, depois doze:

Afrodite, a deusa grega da beleza, sexualidade e amor. Dotada de uma beleza incomparável, despertou os desejos da maioria dos deuses do Olimpo. Também conhecida como Vênus para os romanos.

Apolo, o deus da luz, conhecido por sua tolerância e senso de justiça. É irmão gêmeo de Ártemis, a deusa da caça. Na mitologia romana, é conhecido pelo mesmo nome.

Ares, o deus da guerra, entre os deuses gregos do Olimpo, é o que apresenta o comportamento mais agressivo e com inclinações à selvageria.

Também conhecido como Marte, utilizava uma lança, escudo e capacete de batalha. Ártemis, Irmã gêmea de Apolo, deusa da caça e dos animais selvagens. Também conhecida como Diana, é valente e vingativa. Atena, deusa da sabedoria, Palas Atena também é considerada deusa das artes, da guerra e da justiça. Sempre representada portando um grande escudo (presentado por Perseu), utiliza um capacete de batalha e um Cedro, também conhecida como Minerva.

Dionísio, deus do êxtase, das festas e do vinho. Filho de Zeus e Sêmele. Também conhecido como Baco. Substituiu Hestia entre os 12 deuses gregos do Olimpo. Deméter, conhecida como Ceres, Deméter é a deusa grega da fertilidade e da colheita. É responsável por instruir os mortais a prática da agricultura. Hades, é irmão de Zeus, e também é conhecido pelo nome de Plutão. Após a guerra dos 10 anos, Hades deixou de ser um dos 12 deuses gregos do Olimpo após Zeus o designar para governar o mundo dos mortos, com o objetivo de garantir que os titãs permanecessem no Tártaro. Hefesto, deus do fogo. Também conhecido como Vulcano, possui habilidades e conhecimentos de ferreiro.

Hera, deusa das bodas e maternidade. Também conhecida como Juno na mitologia romana, era irmã de Zeus. Hermes, filho de Zeus e Maia. Entre os deuses gregos do Olimpo, é considerado a divindade responsável por trazer a riqueza, fertilidade e magia. Entre suas atribuições, guiava as almas para o mundo dos mortos, comandados por Hades. Também conhecido como Mercúrio na mitologia romana. Hestia, deusa do lar, atuando na proteção das famílias. Na mitologia romana é conhecida como Vesta. Foi substituída por Dionísio entre os 12 deuses do Olimpo. Poseidon, assim como Hera, também é irmão de Zeus. É considerado o deus supremo dos mares, também conhecido como Netuno. Zeus, o supremo entre os Deuses gregos. conhecido como o senhor dos céus e dos raios. Filho de Cronos e Reia, também conhecido como Júpiter.

A Mitologia Grega foi adotada pelos Romanos que apenas mudou os nomes originais. No entanto, manteve suas funções divinas.

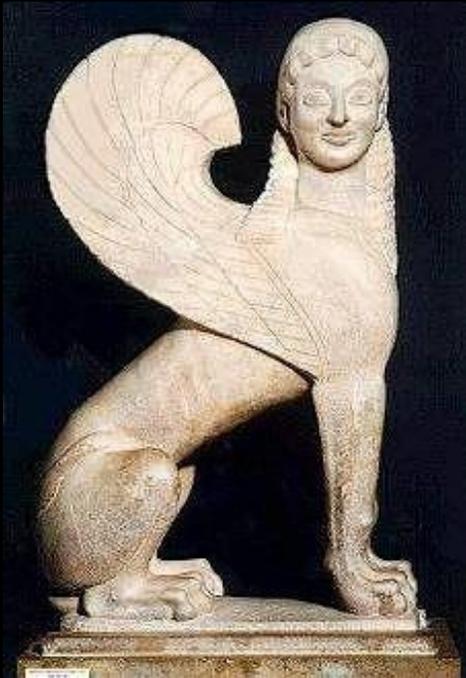
A presença do Império Romano na maior parte do mundo conhecido na antiguidade promoveu a difusão de sua cultura por meio do domínio que exerceu naquela época e o Renascimento Italiano reforçou essa cultura. Pode-se dizer que grande parte da cultura ocidental é devedora ou decorrente dos valores greco-romanos por conta disso.

Até hoje sua influência ainda é percebida.

Foquei um pouco mais a Mitologia Grega justamente porquê uma boa parte da Arte tradicional e acadêmica com a qual lidamos no contexto ocidental, toma estas narrativas como temas ou fonte da criação artística, seja ilustrando, reproduzindo ou narrando as peripécias das personagens. Obviamente que não se acredita em dragões, quimeras, ciclopes, minotauros, pegasus, centauros, medusa, unicórnios e outras figuras fantásticas, mas são resultado da imaginação humana e um bom assunto para produzir imagens. O importante é separar a realidade do que é imaginação, o problema é que ainda hoje há quem acredite em mitos...



Quimera de Arezzo 400 a.C., Medusa de Bernini, Centauro Grego, Pegasus grego



Esfinges gregas e Egípcia.

Inventar coisas fantásticas não é uma prerrogativa da Antiguidade, da Idade Média ou de um mundo ignorante, hoje em dia há empresas que se especializam em criar fantasia e ganhar milhões com isso. A Marvel, a DC Comics e outras empresas cinematográficas e de jogos eletrônicos exploram com muita eficiência este tema no mercado.

Acredita-se que quem consome tais produtos entendam que se trata de uma fantasia, da imaginação, de contação de histórias e não relatos da realidade. Boa parte dessa indústria se inspira na Mitologia.

Então porque os antigos acreditavam em Mitologias?

A primeira coisa que se pode deduzir é que era o único modo de criar uma explicação sobre sua existência e o mundo, como se sabe um grande incômodo da humanidade foi sempre descobrir quem somos, de onde viemos e para onde vamos...

Então, as Mitologias explicam. Outra coisa que se pode deduzir é que era um modo de criar a identidade de um grupo ou nação. Outra é a possibilidade de cultuar o sobrenatural, como seitas e religiões, atendendo ao aspecto simbólico que faz parte da índole humana.

Mitos e Mitologias são embasados em crenças, em fé e não na lógica ou na razão, logo, quem acredita, acredita e ponto final, então, uma mitologia seria uma religião?

Religião do latim *Religio*, se refere ao culto do sacro ou sagrado, uma propriedade do divino, portanto, que deve ser respeitado e venerado.

Portanto o pressuposto do respeito e da veneração ampara tanto a Mitologia quanto a Religião, então, uma e outra se parecem. Talvez não seja possível separá-las, contudo, pode-se tentar esclarecer as pessoas para não serem manipuladas, enganadas por quem usa a fé e a crença para se apropriar de seus bens e sua espiritualidade em benefício próprio.

A grande diferença, a meu ver, é que a Religião se distanciou e se distinguiu da Mitologia quando se institucionalizou, ou seja, criou sistemas de “leis”, normas e diretrizes para congregar pessoas em torno de interesses comuns, fossem eles o espiritualismo ou a devoção à divindade que, de um modo ou de outro também promove a submissão e a dominação, seja por pertencimento, dever ou culpa. Há religiões politeístas, monoteístas e filosóficas, mas todas elas estabelecem critérios para pertencer, participar e contribuir. Uma boa parte delas tem por princípio a moral, a ética e as boas práticas, esse é o lado bom e humanista que a justifica.

As Mitologias são livres em relação à sistematização, diferentes do que fazem as Religiões. Contudo, tanto uma quanto outra podem usar a fé para exercer o controle sobre as pessoas. Como tentei demonstrar o uso do Mito é uma das estratégias primitivas de dominação usada ao longo da história. É uma prática recorrente, basta observar o percurso que alinhei nesse texto. Obviamente tudo o que alguém diz está sujeito à contradição e não me subtraio a isso. Sei que muito do que aqui foi dito pode provocar o estranhamento de muitos, especialmente daqueles que adotam atitudes amparadas em crenças e na fé.

Contudo, me sinto mais Estoico do que Histórico, mesmo assim peço o benefício da dúvida, como os agnósticos que entre o sim e o não ficam no talvez...

Falar em Arte Visual e Mitologia sempre leva ao contexto das criações fantásticas e lembra os modos como o ser humano construiu sua trajetória no mundo: Suas origens, crenças e valores. Como disse antes, o ser humano sem suas crenças é menos humano, mas sem Arte também. Mantenho a convicção de que Arte é tão essencial quanto a espiritualidade, portanto continuo dizendo que: *Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.*